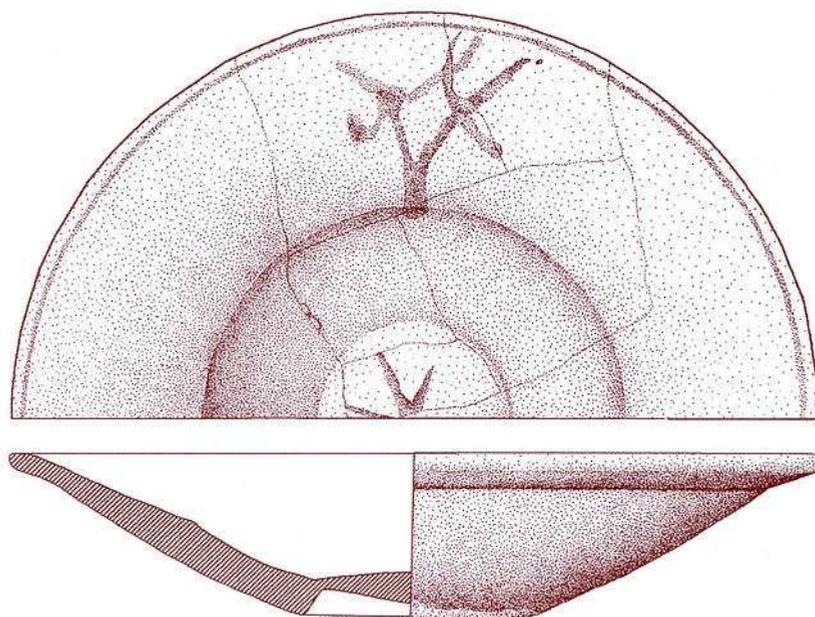


Cerâmicas e outros artefactos, medievais, do Castelo de Loulé

Mário Varela Gomes



Separata

al-'ulyà

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE LOULÉ
n.º 13 2009

Cerâmicas e outros artefactos, medievais, do Castelo de Loulé

Mário Varela Gomes

Cerâmicas e outros artefactos, medievais, do Castelo de Loulé

Mário Varela Gomes – Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26-C, 1069-061 Lisboa, Portugal, mv.gomes@fcsh.unl.pt).

1. Introdução

Obras de restauro efectuadas nos inícios dos anos oitenta da passada centúria, na alcaidaria do Castelo de Loulé, acompanhadas por sondagens arqueológicas dirigidas pela Dr.^a Isilda Pires Martins (1984), conduziram à descoberta de significativo núcleo de estruturas e de materiais arqueológicos, os mais antigos romanos mas sobretudo medievais, remontando estes aos Períodos Almorávida e Almoadá.

Entre as produções ulteriores à conquista cristã daquela alcáçova conta-se conjunto, encontrado no interior de enorme silo, que ainda se conserva, constituído por púcaros, jarros, infusas e outros recipientes, fabricados com pastas claras, de cor bege alaranjada ou castanhas, mas com as superfícies cobertas por engobe de cor vermelha, correspondendo aquelas primeiras, muito possivelmente, a produção local dos séculos XIII-XIV. São suas contemporâneas ou algo ulteriores (século XV), escudelas, esmaltados de cor branca, tal como recipientes idênticos e pratos, vidrados de cor castanha clara, de aspecto melado, por vezes decorados na cor negra de manganês, procedentes de oficinas portuguesas ou sevilhanas.

A falta de registos do espólio agora publicado, exposto no Museu Municipal de Arqueologia de Loulé a partir de 1995, inviabiliza substancialmente o seu estudo, sobretudo no que concerne aos aspectos cronológicos, pelo que, para tal, teremos de recorrer a paralelos encontrados em outros contextos do Algarve ou fora dele, o mesmo ocorrendo com os aspectos corológicos ou funcionais. Todavia, informações orais que recolhemos, junto de quem colaborou no esvaziamento do silo acima referido, indicaram que a grande maioria do

acervo que temos vindo a mencionar provém daquela estrutura subterrânea, tal como largas dezenas de outros fragmentos de cerâmica que guarda o Museu Municipal de Arqueologia de Loulé. O silo foi, pois, reutilizado como lixeira, muito provavelmente em diferentes momentos, após a conquista cristã da alcáçova.

Breves referências a algum do espólio objecto do presente estudo encontram-se em texto da autoria de M. I. Luzia (2003, pp. 226-228, fig. 2) e no catálogo do Museu Municipal de Arqueologia de Loulé (Gomes e Serra, 2004, p. 14).

2. O silo

Trata-se de estrutura negativa ou subterrânea que, como muitas outras congéneres, servia para a conservação de cereais, em meio anaeróbico, a médio ou longo termos.

Encontra-se perto da actual entrada no Castelo de Loulé e de antiga porta, situada sob torre adossada. Apresenta forma troncocónica e foi escavado no substrato rochoso, constituído por calcário brando (Fig. 1).

A sua boca, de forma circular e com cerca de 1,10 m de diâmetro, encontra-se a 0,90 m de profundidade, em relação ao nível do solo actual. Mede 2,40 m de altura, 3,05 m de diâmetro máximo e teria, aproximadamente 6 m³ de capacidade (Fig. 2).

Dadas as significativas dimensões apresentadas, deve corresponder a estrutura de armazenamento do próprio castelo, como as encontradas na alcáçova de Silves ou em outras fortificações islâmicas, em muitos casos onde eram recolhidos cereais procedentes

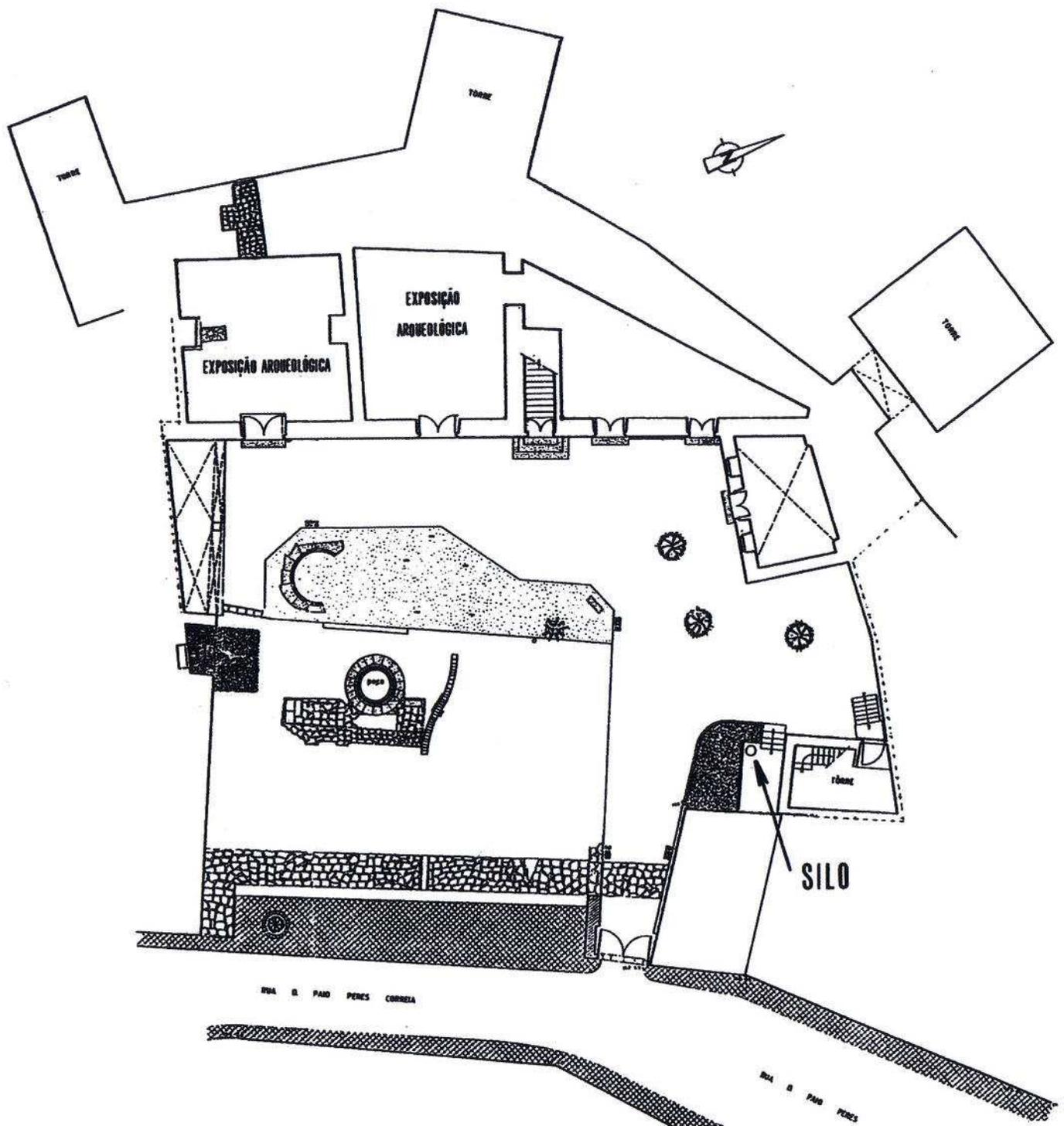


Fig. 1 - Castelo de Loulé, com localização do silo de onde provém a maioria do espólio agora dado a conhecer.

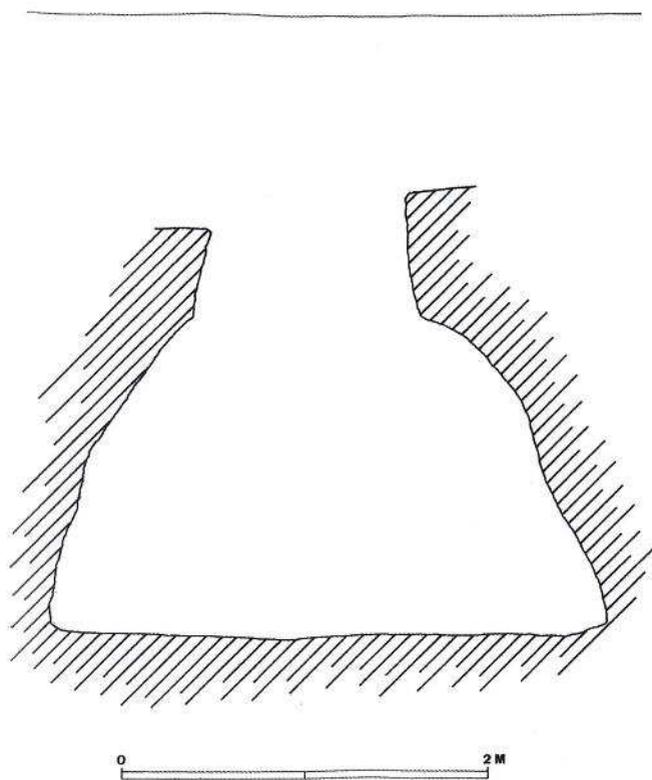


Fig. 2 – Silo do Castelo de Loulé. Corte.

de impostos. Outros silos, de menores dimensões correspondem ao equipamento de habitações, de zonas urbanas, rurais ou de pequenas fortificações, constituindo exemplo paradigmático os silos de área habitacional, com pequenas vivendas, do Castelo de Salir.

3. Artefactos islâmicos¹

3.1. Cerâmicas

- Frigideira com duas asas (C. L. 86.1.1./1.10.130)². Conjunto de fragmentos, correspondendo ao bordo e ao corpo. Mostrava forma bitroncocónica com carena

alta, provida de fundo convexo. O bordo era alto e vertical. Duas asas opostas, com perfil subsemicircular, ligavam o bordo à carena. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio e, alguns, de grão grosseiro³. O núcleo das paredes é de cor castanha clara (5YR 5/4)⁴ e ambas superfícies apresentam restos de engobe, de cor vermelha clara, de tom rosado (2.5YR 6/8), tal como manchas de cor cinzenta, devido à sua exposição ao fogo. Media 0,245 m de diâmetro no bordo 0,220 m de diâmetro na carena, 0,090 m de altura e a espessura média das paredes é de 0,008 m. Foi restaurada (Fig. 3)⁵.

- Lavabo (C.L. 86.8/1.10.144). Três fragmentos correspondendo ao bordo. Este era espessado, apresentando a parte superior plana e lábio recto. Oferecia forma troncocónica, assente em fundo plano. Foi fabricado com pasta não muito homogénea nem compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos (biotite), de grão fino a médio. Tanto o núcleo das paredes como a superfície exterior são de cor cinzenta clara (10YR 8/2), enquanto a parte superior do bordo e a parede interior conservam restos de esmalte, mal fixado e pouco espesso, de cor verde clara, áreas que foram decoradas através de estampilhagem. Esta utilizou motivos pseudo-epigráficos no bordo, inseridos em cartela incisa com forma de coroa circular, e vegetalista na parede, formado por palmetas triangular impressa ora num sentido ora no outro. Media 0,270 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,016 m (Fig. 3).

- Talha (C.L. 86.2.8A). Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricada com pasta não muito homogénea, mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes

¹ Entenda-se produzidos e com utilização primária em contextos ocorridos sob administração islâmica.

² As referências existentes nas peças descritas contêm as iniciais do local de procedência (Castelo de Loulé), um primeiro código e outro mais recente.

³ Classificámos os e.n.p. como de grão finíssimo quando são quase imperceptíveis à vista desarmada, de grão fino quando mostram diâmetros inferiores a 0,5 mm, de grão médio quando aqueles medem entre 0,5 mm e 1,0 mm e de grão grosseiro os que apresentam medidas superiores àquelas.

⁴ Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.

⁵ Os desenhos que ilustram o presente estudo são da autoria das Dr.^{as} Ana Machado Nunes e Joana Gonçalves.

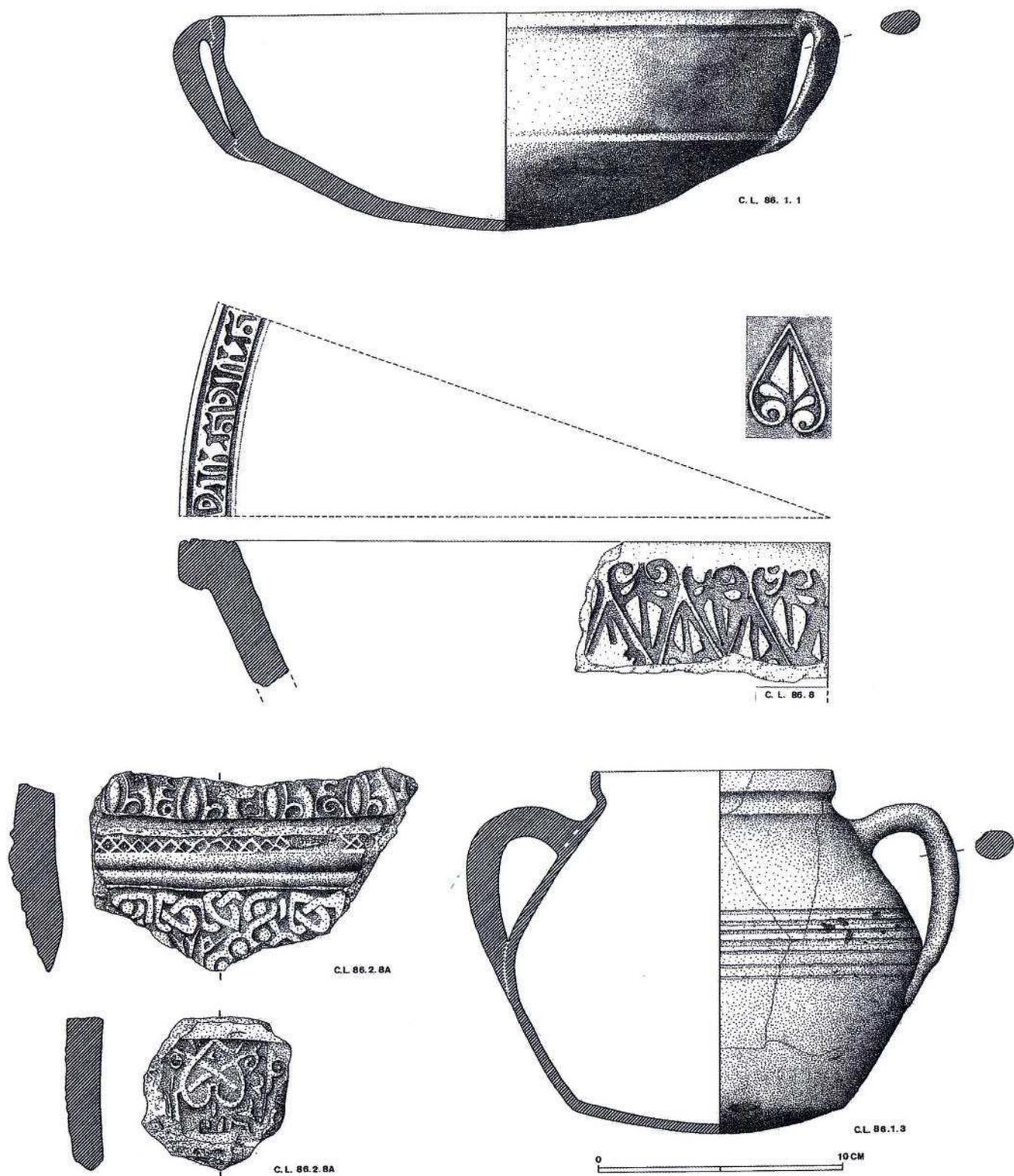


Fig. 3 – Cerâmicas comuns e estampilhadas.

mostram cor bege (5Y 8/2). A superfície exterior apresenta decoração plástica, correspondendo a cordão horizontal, e impressa, onde foram utilizadas pelo menos três matrizes; uma contendo arco polilobulado e elemento vegetalista ao centro daquele, outra pequenos losangos unidos pelos vértices e a terceira exibindo ornamentação geométrica. A espessura das paredes atinge 0,020 m (Fig. 3).

- Talha (C.L.86.2.8A). Fragmento correspondente a porção da parede do corpo. Foi fabricada com pasta não muito homogénea, mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes oferecem cor bege (5Y 8/2). A superfície exterior contém decoração estampilhada, observando-se elemento de carácter fitomórfico. A espessura média das paredes é de 0,014 m (Fig. 3).

- Panela (C.L. 86.1.3/1.10.120). Quase completa, oferece corpo de forma bitroncocónica, com acentuada carena mesial, assenta em fundo convexo e possui bordo vertical, demarcado por estrangulamento, com lábio de secção semicircular. Duas asas opostas, de perfil subsemicircular e secção oval, ligam pontos da parte superior do corpo, situados um pouco abaixo do bordo, a outros sob a carena. Na metade superior do corpo observam-se sete caneluras paralelas e

horizontais, distanciadas, entre si, cerca de 0,005m. Foi fabricada com pasta não muito homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio, alguns de cor negra (biotite). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, oferecem cor castanha avermelhada (10R5/6), com manchas acinzentadas (10R5/1). Nas paredes exteriores observam-se depósitos de negro de fumo, devidos à sua prolongada exposição ao fogo durante a utilização. Mede 0,149 m de altura, 0,100 m de diâmetro no bordo, 0,172 m de diâmetro máximo, na carena, e 0,110 m de diâmetro no fundo. As paredes têm 0,004 m de espessura média. Foi restaurada (Fig. 3).

3.2. Metais

- Elemento decorativo (C.L. 1.10.9). Fabricado em cobre ou latão, apresenta contorno poligonal e é oco, sendo formado por porção sub-rectangular, à qual se adossa outra triangular e que é encimada por uma terceira sub-triangular. Na base mostra, ao centro, pequeno triângulo. A superfície do anverso apresenta decoração geométrica, em relevo e inscrita em cartelas, rectangulares ou triangulares. As superfícies, superior e laterais, foram douradas. Mede 0,058 m de comprimento, 0,040 m de largura e 0,010 m de espessura (Fig. 4).

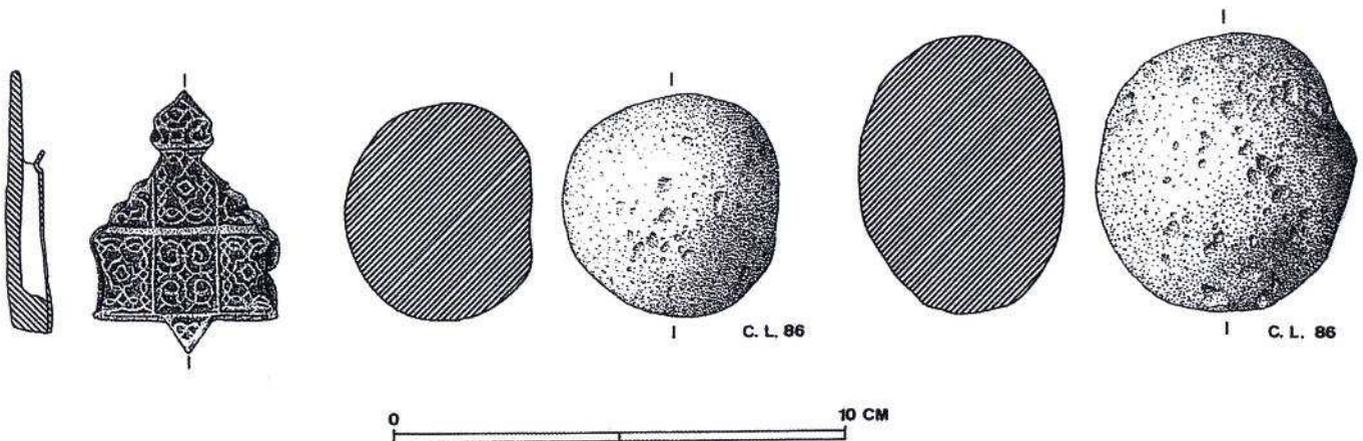


Fig. 4 - Artefacto metálico e balas de funda.

3.3. Líticos

- Bala da funda (C.L./1.10.188). Oferece forma subsférica e foi talhada em calcário, de cor branca, mostrando as superfícies regularizadas por picotagem. Apresenta pequena face plana, característica de muitos destes projecteis. Mede 0,050 m de diâmetro médio e pesa 150 gr (Fig. 4).

- Bala de funda (C.L./1.10.187). Apresenta forma ovóide e foi talhada em calcário de cor branca, embora com manchas avermelhadas. Mostra regularização através de picotagem. Mede 0,060 m de comprimento, 0,058 m de largura, 0,046 m de espessura máxima e pesa 250 gr. (Fig. 4).

4. Artefactos cristãos⁶

4.1. Cerâmicas possuindo as superfícies esmaltadas de cor branca

- Escudela (C.L. 86.2.4/1.10.132). Fragmento, contendo porção do bordo, do corpo e do fundo. Oferecia corpo de forma troncocónica, com bordo subvertical, formando carena alta, e lábio de secção semicircular. Assentava em fundo côncavo, com ônfalo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes mostra cor bege (5YR 8/2) e ambas superfícies apresentam esmalte, de cor branca. Media 0,105 m de diâmetro no bordo, 0,040 m de diâmetro no fundo e 0,045 m de altura. As paredes têm 0,005 m de espessura média. Foi restaurada (Fig. 5).

- Escudela (C.L. 86.1.8/1.10.124). Fragmento, correspondendo a porção do bordo, do corpo e do fundo. O corpo oferecia forma troncocónica, com bordo vertical, possuindo lábio de secção semicircular. Assentava em pé destacado e anelar. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor bege (5YR 8/2) e ambas superfícies

foram cobertas por esmalte de cor branca. Media 0,067 m de altura, 0,146 m de diâmetro no bordo e 0,068 m de diâmetro no fundo. A altura do pé é de 0,009 m e as paredes têm 0,007 m de espessura média. Foi restaurada (Fig. 5).

4.2. Cerâmicas possuindo as superfícies vidradas de cor castanha

- Escudela (C.L. 86.5.1/1.10.131). Fragmento, correspondendo a porção do bordo, do corpo e do fundo. Oferecia corpo de forma troncocónica e bordo vertical, formando carena alta, provido de lábio com secção semicircular. Assentava em fundo côncavo, mostrando ônfalo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara (7.5YR 6/4) e ambas superfícies

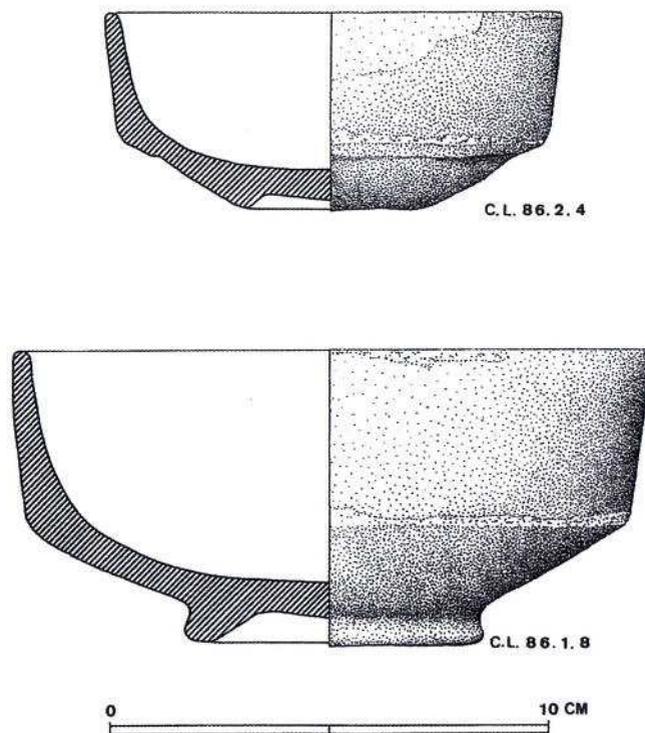


Fig. 5 – Cerâmicas esmaltadas de cor branca.

⁶ Entenda-se produzidos e com utilização primária em contextos ocorridos sob administração cristã.

encontram-se vidradas, de cor castanha (7.5YR 5/8), com aspecto melado. Media 0,063 m de altura, 0,138 m de diâmetro, no bordo e na carena, e 0,043 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,008 m. Foi restaurada (Fig. 6).

- Escudela (C.L.86.8.7/1.10.136). Fragmento, correspondendo a porção do bordo, do corpo e do fundo. Oferecia corpo de forma troncocónica e bordo vertical, formando carena alta, com lábio de secção semicircular. Assentava em fundo côncavo, com ônfalo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor castanha clara (7.5YR 6/4) e ambas superfícies encontram-se vidradas, de cor castanha (7.5YR 5/8), com aspecto melado. Media 0,060 m de altura, 0,138 m de diâmetro, tanto no bordo como na carena, e 0,050 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,005 m. Foi restaurada (Fig. 6).

- Escudela (C.L.86.2.1/1.10.131). Fragmento, correspondendo a porção do bordo, do corpo e do fundo. O corpo oferecia forma troncocónica, o bordo era subvertical e o lábio apresentava secção semicircular. O fundo era côncavo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes é de cor castanha clara (7.5YR 6/4) e ambas superfícies encontram-se vidradas, de cor castanha esverdeada (2.5Y 4/4), com aspecto melado. Media 0,138 m de diâmetro no bordo, 0,044 m de diâmetro no fundo e 0,056 m de altura. As paredes têm 0,008 m de espessura média. Foi restaurada (Fig. 6).

- Escudela (C.L.86.1.7/1.10.123). Fragmento correspondendo a porção do bordo, do corpo e do fundo. Oferece corpo de forma sub-hemisférica e bordo vertical, formando carena com o corpo, possuindo lábio de secção semicircular. Assentava em pé alto e anelar. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor castanha clara (7.5YR 6/4) e ambas superfícies encontram-se vidradas, de cor castanha (7.5YR 5/6), com aspecto

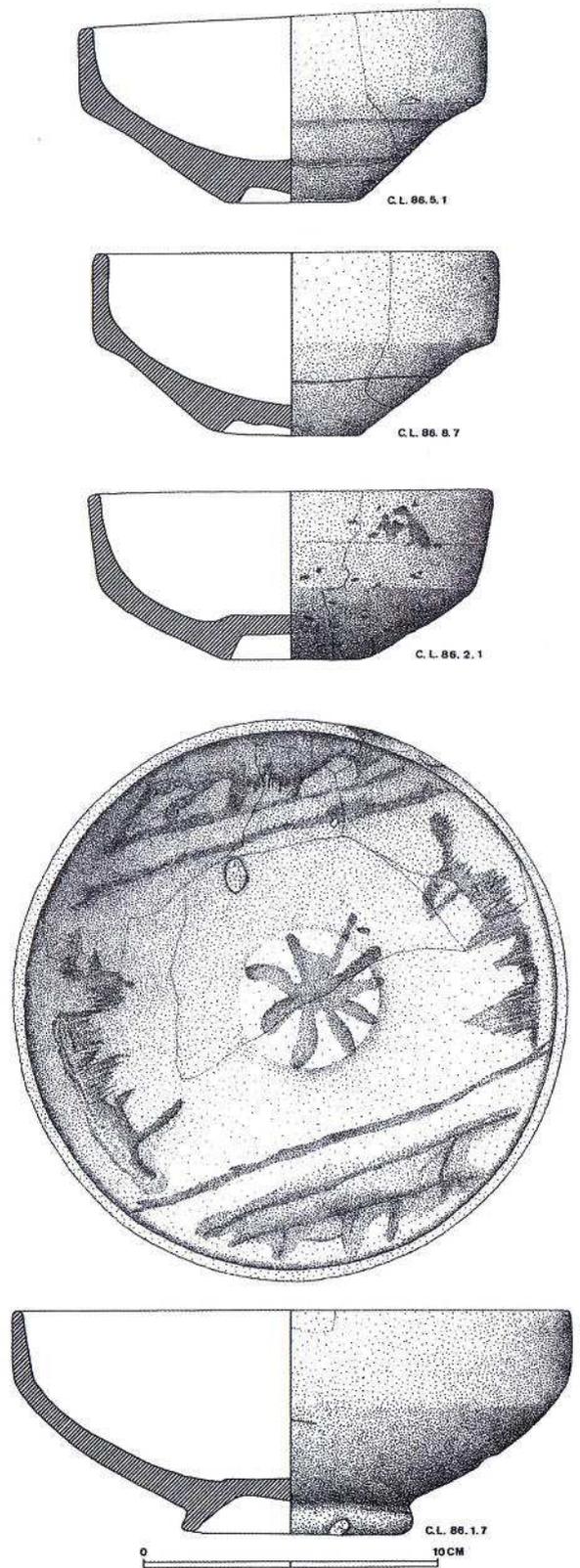


Fig. 6 – Cerâmicas vidradas de cor castanha (meladas).

melado. No interior do fundo mostra motivo decorativo estelar, com nove raios, pintado de cor negra de óxido de manganês. No interior do bordo apresenta dois conjuntos de três traços paralelos cada, pintados na cor acima referida, com contornos pouco nítidos e entre eles observam-se traços escorridos, de óxido de manganês. Mede 0,075 m de altura, 0,190 m de diâmetro no bordo e 0,078 m de diâmetro no pé. A espessura média das paredes é de 0,007 m. Foi restaurada (Fig. 6).

- Prato fundo (C.L.86.2.6/1.10.135). Fragmento, correspondendo a porção do bordo, do corpo e do fundo. Oferece corpo de forma troncocónica e bordo largo, oblíquo, demarcado por aresta. O interior do fundo é convexo e o exterior côncavo, com ônfalo. O lábio, assinalado na parte superior por incisão, mostra secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor castanha clara (7. 5YR 6/4) e ambas superfícies encontram-se vidradas, de cor castanha (7.5YR 4/6), com aspecto melado. Observa-se, no interior do fundo, restos de motivo estelar, pintado na cor negra manganês e, sobre o bordo, losango figurado a partir de quatro arcos de círculo, pintado naquela mesma cor. Media 0,047 m de altura, 0,231 m de diâmetro no bordo e 0,064 m de diâmetro no fundo. As paredes têm 0,010 m de espessura média. Foi restaurado (Fig. 7).

- Prato fundo (C.L.86.1.10/1.10.126). Fragmento, correspondendo a porção do bordo, do corpo e do fundo. Oferece corpo com forma troncocónica, bordo largo e oblíquo, demarcado por aresta, possuindo lábio, assinalado por incisão, com secção semicircular. Assenta em fundo côncavo, com ônfalo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor castanha clara (7.5YR 6/4) e ambas superfícies oferecem vidrado, de cor castanha (7.5YR 5/8) e de aspecto melado. Observa-se, no interior do fundo, restos de figura oval, pintada na cor negra de manganês, e na parte superior do bordo, traços arqueados, que constituem motivo floral muito estilizado, pintados na cor referida. Mede

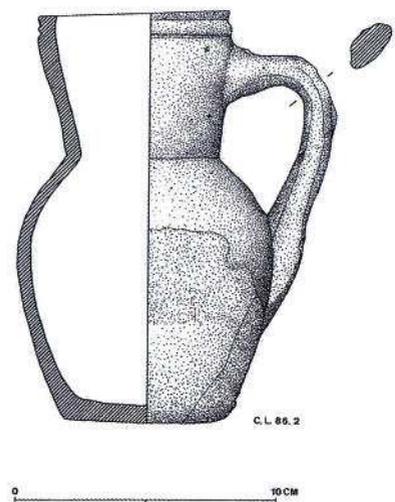
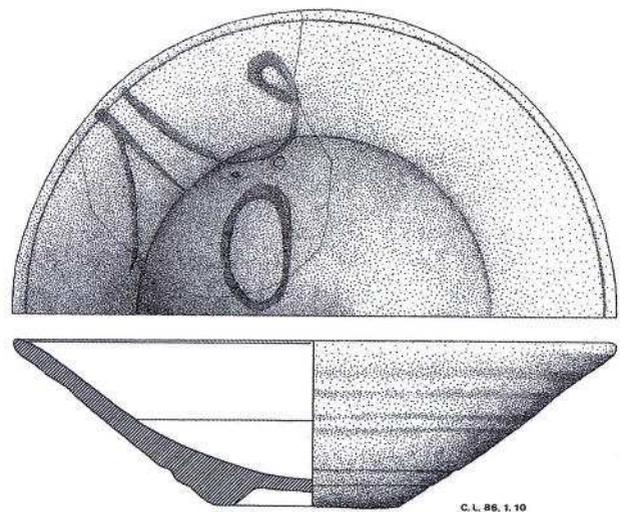
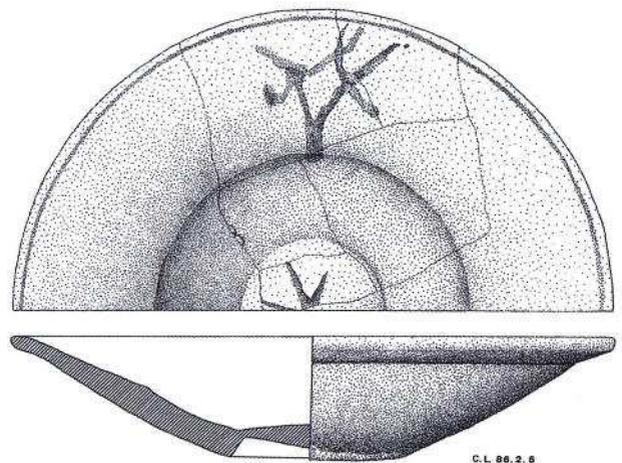


Fig. 7 – Cerâmicas vidradas de cor castanha (meladas).

0,232 m de diâmetro no bordo, 0,070 m de diâmetro no fundo e 0,063 m de altura. As paredes têm 0,007 m de espessura média. Foi restaurado (Fig. 7).

- Jarro (C.L.86.2/1.10.116). Quase completo, dado faltar-lhe apenas parte do bordo. O corpo apresenta forma globular, alongada, assente em fundo plano e o gargalo é alto, troncocónico, possuindo bordo ligeiramente espessado e lábio com a parte superior plana, demarcado, no exterior, por duas caneluras paralelas, distanciadas 0,005m. Uma asa, com perfil em L invertido e secção biconvexa, liga ponto mesial do gargalo a outro do volume mesial do corpo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo e as zonas das superfícies em reserva, abaixo da asa, são de cor castanha avermelhada (2.5YR5/6), enquanto as restantes superfícies, bem afagadas, mostram vidrado de cor castanha clara (7.5YR 5/8), com aspecto melado. Mede 0,156 m de altura, 0,073 m de diâmetro no bordo, 0,098 m de diâmetro no corpo e 0,060 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,005 m. Foi restaurado (Fig. 7).

4.3. Cerâmicas fabricadas com pastas de cores claras

- Púcaro (C.L.86.1.12/1.10.128). Completo, mostra corpo de forma bitroncocónica, com carena baixa, assente em fundo plano. O bordo é alto, subvertical, demarcado por duas incisões horizontais e possui lábio de secção semicircular. Uma asa, de perfil em forma de L invertido e secção oval, liga ponto do arranque do bordo a outro da carena. Foi fabricado com pasta homogénea e não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino, alguns de cor negra (biotite), tal como raros, calcários, de grão grosseiro. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, oferecem cor bege amarelada (10YR7/4). Mede 0,090 m de altura, 0,059 m de diâmetro no bordo, 0,073 m de diâmetro máximo, na carena, e 0,033 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,004 m. Foi restaurado (Fig. 8).

- Púcaro (C.L.86.1.9/1.10.125). Completo, mostra corpo de forma ovóide, assente em pé alto, com base plana. O gargalo é alto, troncocónico, e o bordo, demarcado por incisão, oferece lábio com secção semicircular. Uma asa, de perfil subcircular e secção biconvexa, liga ponto da separação do gargalo com o bordo a outro do volume mesial do corpo. Foi fabricado com pasta pouco homogénea e não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino, alguns de cor negra (biotite). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, são de cor bege alaranjada (5YR7/6). Mede 0,087 m de altura, 0,066 m de diâmetro no bordo, 0,074 m de diâmetro máximo no corpo e 0,029 m de diâmetro no pé. A espessura média das paredes é de 0,004 m. Foi restaurado (Fig. 8).

- Púcaro (C.L.86.1.6/1.10.122). Quase completo, mostra corpo de forma ovóide, assente em pé alto e com base plana, gargalo alto, troncocónico, possuindo bordo, demarcado por incisão, com lábio de secção semicircular. Uma asa, de perfil em forma de L invertido e secção oval, liga ponto da separação do gargalo com o bordo a outro do volume mesial do corpo. Foi fabricado com pasta pouco homogénea e não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino, alguns de cor negra (biotite). Tanto o núcleo com ambas superfícies das paredes, bem afagadas, são de cor bege alaranjada (5YR6/6). Mede 0,093 m de altura, 0,065 m de diâmetro no bordo, 0,072 m de diâmetro máximo no corpo e 0,031 m de diâmetro no pé. A espessura média das paredes é de 0,005 m. Foi restaurado (Fig. 8).

- Jarro (C. L. 86.1.5/1.10.175). Quase completo, dado faltar-lhe somente algumas porções do bordo e do corpo, oferece forma globular, assentando em fundo destacado e plano. O bordo era alto e cilíndrico. Uma asa, de perfil em L e secção plano-convexa, ligava ponto mesial do bordo a outro do volume mesial do corpo. A meio do volume do corpo oferece seis caneluras horizontais. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e, alguns, de grão médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das

paredes, bem regularizadas, mostram cor bege rosada (5YR 7/3). Mede 0,070 m de diâmetro no bordo, 0,050 m de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 8).

- Jarro (C.L.86.1.5/1.10.121). Completo, oferece corpo de forma globular, assente em fundo plano, gargalo alto, subvertical, com bordo demarcado por incisão, possuindo lábio de secção semicircular. Uma asa, de perfil e secção subcirculares, liga ponto do arranque do bordo a outro situado um pouco abaixo da meia altura do corpo. Mostra incisões horizontais que demarcam o bordo, no arranque do gargalo e duas outras a meio do corpo, distanciadas entre si 0,020 m. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino, sendo alguns de cor negra (biotite). Tanto o núcleo, como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, são de cor bege acastanhada (7.5YR6/4). Mede 0,095 m de diâmetro no bordo, 0,125 m de diâmetro máximo no corpo, 0,055 m de diâmetro no fundo, e 0,168 m de altura. A espessura média das paredes é de 0,005 m. Foi restaurado (Fig. 8).

- Jarro (C.L.86.1/1.10.174). Fragmento contendo porção do corpo, uma asa e o fundo. Oferecia corpo com forma bitroncocónica, com carena baixa mas acusada, assente em fundo plano. Uma asa, de perfil em L invertido e de secção oval, ligava ponto abaixo do bordo a outro situado sobre a carena. Foi fabricado com pasta homogénea mas pouco compacta, contendo elementos não plástico, quartzosos e micáceos, de grão fino, alguns de cor negra (biotite). Tanto o núcleo, como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, oferecem cor bege (5YR7/6). Mede 0,110 m de diâmetro na carena, 0,063 m de diâmetro no fundo e a espessura médias das paredes é de 0,005 m (Fig. 8).

- Jarro (C.L.86.1.13/1.10.129). Quase completo, dado faltar-lhe apenas a asa. O corpo mostra forma bitroncocónica, com carena baixa, assente em fundo plano. O gargalo troncocónico, encontra-se demarcado do corpo por cordão horizontal. Oferece bordo, com lábio assinalado no exterior por canelura, de secção semicircular. Uma asa ligava ponto do arranque do

gargalo a outro da carena. Apresenta incisão, horizontal, sobre a carena e outra a meio do colo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e, alguns, calcários, de grão grosseiro. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, oferecem cor bege amarelada (10YR7/4), com algumas manchas rosadas (10R6/8). Mede 0,236 m de altura, 0,094 m de diâmetro no bordo, 0,154 m de diâmetro máximo, na carena, e 0,090 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,005 m. Foi restaurado (Fig. 8).

- Marca de jogo (C.L.86.4/1.10.549). Mostra forma subcilíndrica. Aproveita fragmento de cântaro, fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo é de cor castanha clara (5YR 5/8) e ambas superfícies das paredes oferecem engobe de cor bege alaranjada (5YR 6/6). Mede 0,048 m de diâmetro e 0,006 m de altura (Fig. 8).

- Infusa (C.L.86.1/1.10.5). Fragmento, correspondendo a porção do corpo e ao arranque da asa. O corpo mostrava forma ovóide, assente em fundo plano e a asa teria perfil recto, com secção biconvexa, descansando em ponto do volume mesial do corpo. Sobre a superfície exterior do corpo observam-se dois pares de caneluras, paralelas e horizontais, um acima do arranque da asa e outro abaixo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e, alguns, calcários, de grão grosseiro. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, apresentam cor bege (7.5YR7/6). Media 0,152 m de diâmetro máximo no corpo, 0,068 m de diâmetro no fundo e as paredes têm 0,004 m de espessura média (Fig. 9).

- Infusa (C.L.86.2/1.10.3). Quase completa, dado faltar-lhe, apenas, a parte superior do gargalo e o bordo. O corpo mostra forma ovóide, assente em fundo plano. Uma asa, de perfil em forma de L invertido e com secção biconvexa, une ponto mesial do gargalo a outro do volume mesial do corpo. Na parte superior

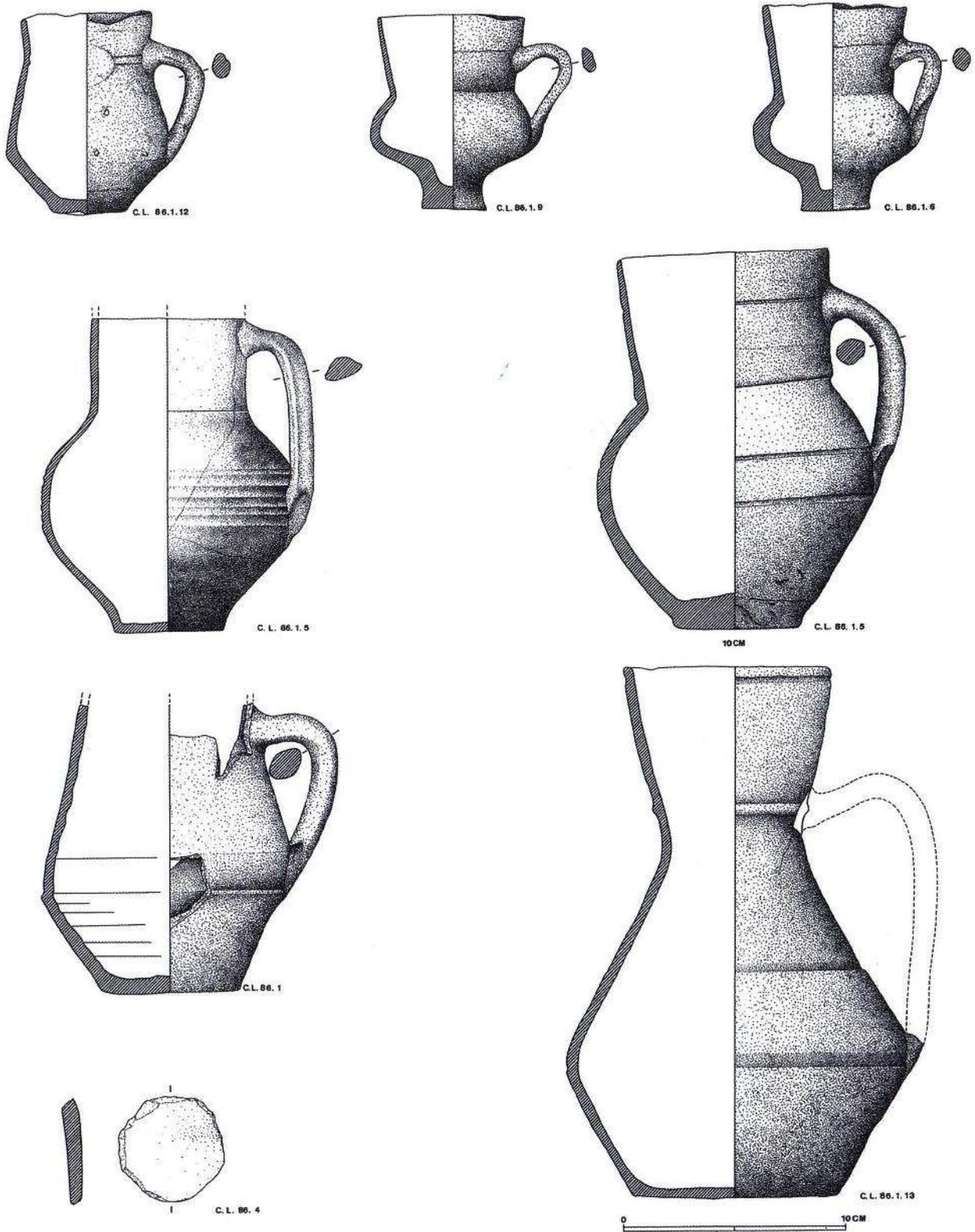


Fig. 8 - Cerâmicas produzidas com pastas de cores claras.

do corpo observam-se duas caneluras, paralelas e horizontais, demarcando o colo, encontrando-se outras abaixo daquele. Cordão horizontal marcava o arranque do gargalo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, alguns de cor negra (biotite), de grão fino e outros, calcários, de grão grosseiro. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, apresentam cor bege rosada (5YR 7/6). Mede 0,194 m de diâmetro máximo no corpo, 0,099 m de diâmetro no fundo e as paredes têm 0,005 m de espessura média. Foi restaurada (Fig. 9).

- Infusa (C.L.86.2). Fragmento, correspondendo a porção do bordo e do gargalo. Este mostrava forma troncocónica, possuindo cordão horizontal a meio, enquanto o bordo, extrovertido, era demarcado na base por estrangulamento, possuía a parte superior plana e lábio com secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino, alguns de cor negra (biotite). O núcleo das paredes é de cor castanha acinzentada (5YR5/4) e ambas superfícies oferecem restos de engobe, de cor bege (5YR6/2). Media 0,106 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,006 m (Fig. 9).

- Infusa (C.L.86.1). Fragmento, correspondendo a porção do gargalo, do bordo e ao arranque de asa. O gargalo mostrava forma troncocónica, demarcado na base por estrangulamento e dois cordões. O bordo oferece a superfície exterior canelada e possui lábio com secção semicircular. A asa, ligeiramente sobrelevada, arrancava da união do gargalo com o bordo e mostrava secção biconvexa. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino, sendo alguns de cor negra (biotite). Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são de cor bege alaranjada (5YR7/6). Media 0,100 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 9).

- Infusa (C.L.86.1). Fragmento, correspondendo porção do gargalo e do corpo, assim como a asa. Mostrava corpo de forma ovóide e gargalo alto, bitroncocónico.

Asa, em forma de L invertido e com secção biconvexa, embora com canelura central na superfície exterior, unia ponto mesial do gargalo a ponto médio do corpo. No ponto de arranque da asa observa-se cordão horizontal e dois outros idênticos, decoram a metade superior do corpo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, alguns de cor negra (biotite), de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, apresentam cor castanha clara (5YR6/6) a alaranjada (2.5YR6/8). Media 0,198 m de diâmetro máximo do corpo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 9).

4.4. Cerâmicas fabricadas com pastas de cor vermelha ou castanha

- Caçoula (C.L.86.2.5/1.10.134). Quase completa, oferece corpo de forma troncocónica, assente em fundo convexo, possuindo bordo introvertido, demarcado por carena, com lábio aplanado. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, oferecem cor castanha clara (10R5/3) a castanha avermelhada (10R5/6). Mede 0,068 m de altura, 0,189 m de diâmetro no bordo e 0,160 m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0,005 m. Foi restaurada (Fig. 10).

- Panela (C.L.86.1.2/1.10.119). Quase completa, oferece corpo de forma troncocónica, assente em fundo convexo e possui bordo introvertido, demarcado por carena, com lábio aplanado. Duas asas opostas, com perfil em forma de L invertido e secção oval, ligam pontos do volume mesial a outros próximos do início do fundo. Sobre o ponto de arranque das asas observam-se duas caneluras, paralelas e horizontais, distanciadas 0,006 m e sob aquele uma outra canelura horizontal, distanciada 0,020 m das primeiras. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, oferecem cor castanha avermelhada (10R5/6), com manchas acinzentadas (10R5/1). Nas

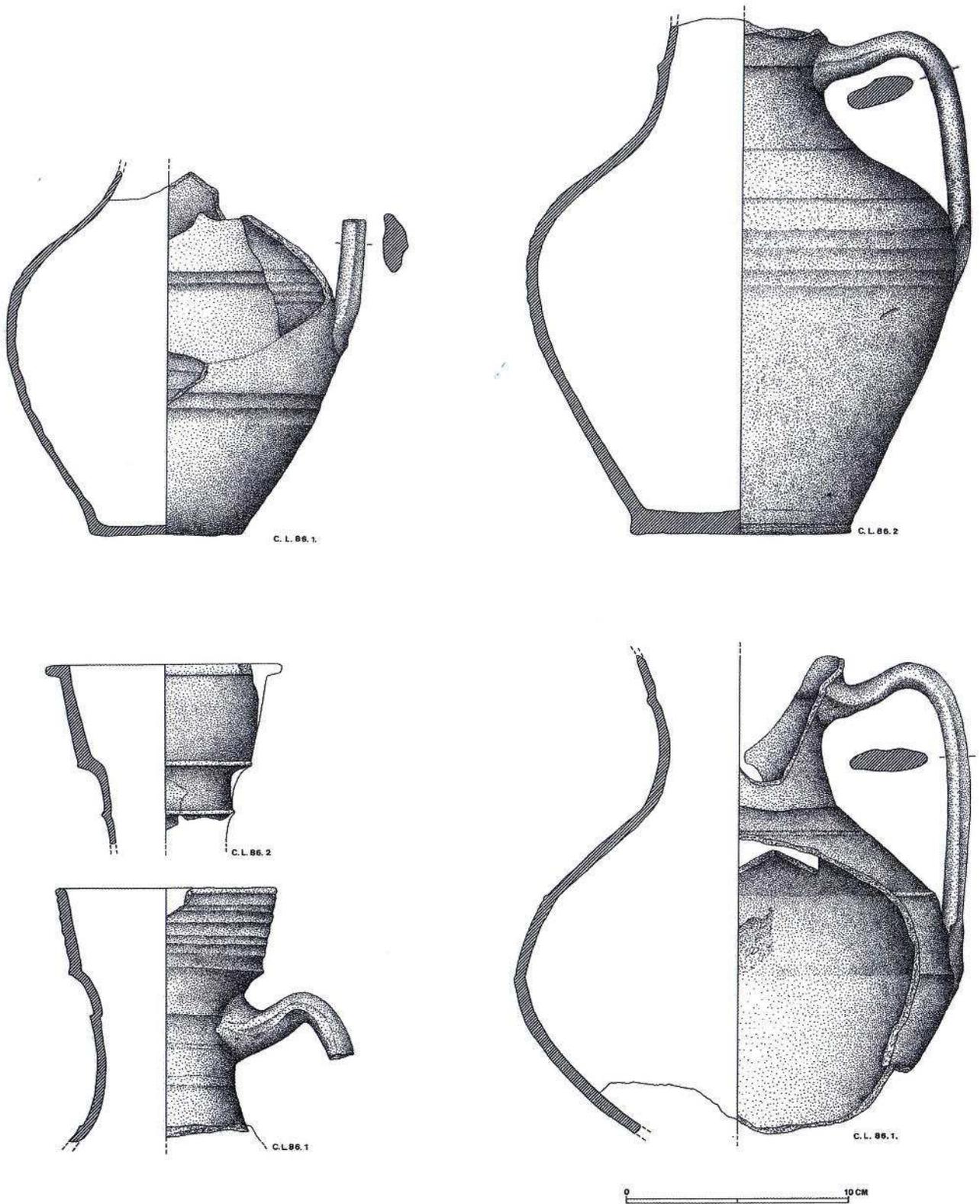


Fig. 9 – Cerâmicas produzidas com pastas de cores claras.

paredes exteriores observam-se depósitos de negro de fumo, devidos à sua prolongada exposição ao fogo durante a utilização. Foi restaurada. Mede 0,173 m de altura, 0,150 m de diâmetro no bordo, 0,143 m de diâmetro no volume mesial e 0,144 m de diâmetro no fundo. As paredes têm 0,006 m de espessura média. Foi restaurada (Fig. 10).

- **Panela** (C. L. 86.3/ 1.10.6). Inteira, oferece corpo de forma globular, assente em fundo plano. O bordo é vertical demarcado por estrangulamento, possuindo lábio espessado de secção semicircular. Duas asas opostas, de perfil em forma de 3 alongado e secção oval, ligam pontos da parte superior do bordo a outros das área mesial do corpo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes, bem afagadas, oferecem cor vermelha clara (25YR 6/8). Mede 0,120 m de diâmetro no bordo, 0,090 m de diâmetro de fundo e 0,156 m de altura. As paredes têm 0,004 m de espessura média (Fig. 10).

- **Testo** (C.L.89.E.I/1.9.113). Completo, mostra corpo com forma troncocónica, assente em fundo plano e bordo largo e horizontal, possuindo lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. O núcleo é de cor castanha acinzentada (2.5YR 4/2) e ambas superfícies das paredes oferecem restos de engobe de cor vermelha (10R 5/8). Mede 0,145 m de diâmetro no bordo, 0,035 m de diâmetro na base e 0,028 m de altura. A espessura média das paredes é de 0,008 m. Foi restaurado (Fig. 11).

- **Lamparina** (C.L.86.1.91/1.10.4). Quase completa, mostra corpo de forma troncocónica, assente em fundo anelar muito baixo, e bordo algo extrovertido, formando bico, com lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo, como ambas superfícies das paredes são cor-de-laranja (10R5/6), observando-se zonas queimadas e depósitos de negro de fumo sobre

o bico, devidos à sua utilização. Mede 0,075 m de diâmetro máximo no bordo, 0,050 m de diâmetro no fundo, 0,040 m de altura e a espessura média das paredes é de 0,003 m. Foi restaurada (Fig. 11).

- **Lamparina** (C. L. 86.8.2/1.10.1150). Fragmento correspondendo a porção do corpo e ao bico. Apresentava corpo de forma troncocónica assente em fundo plano, bordo algo extrovertido, formando bico,

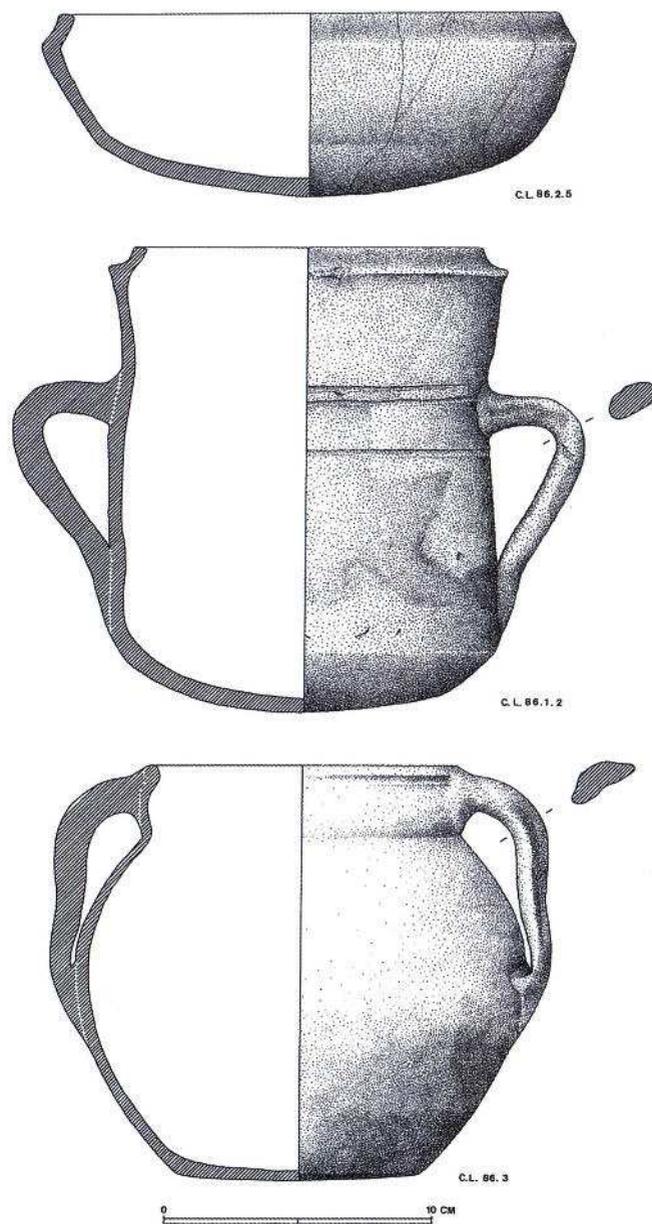


Fig. 10 – Cerâmicas produzidas com pastas de cor vermelha ou castanha.

com lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor cinzenta (5YR 4/1), com manchas mais escuras (5YR 3/1), devidas à sua intensa utilização. Mede 0,082 m de diâmetro máximo no bordo, 0,045 m de diâmetro no fundo, 0,032 m de altura e a espessura média das paredes é de 0,002 m. Foi restaurada (Fig. 11).

• Lamparina (C. L. 86.1.11/1.10.127). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do bico. O corpo oferecia forma troncocónica, assente em fundo plano e o bordo era extrovertido, formando bico e possuindo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes mostram cor cinzenta (5YR 4/1), com manchas mais escuras (5YR 3/1), provocadas pela sua continuada utilização.

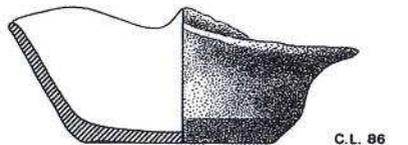
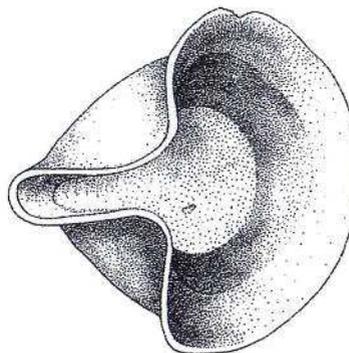
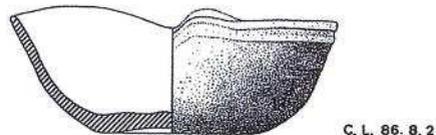
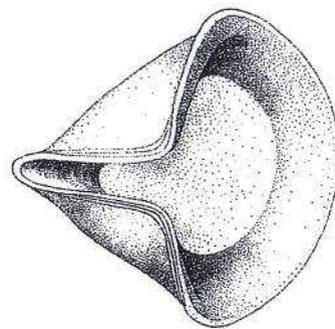
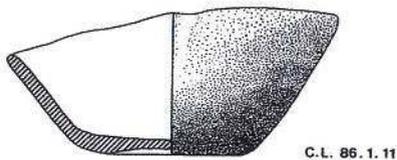
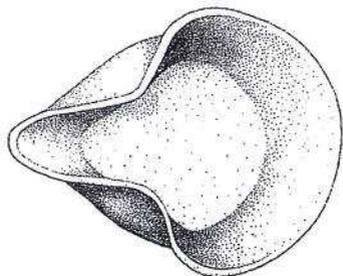
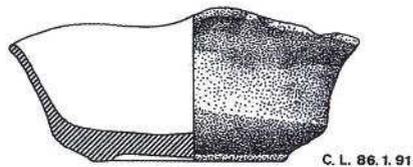
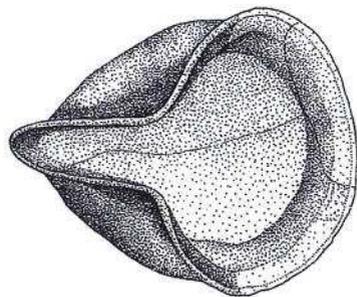
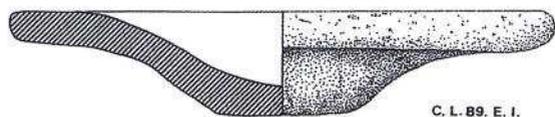


Fig. 11 - Cerâmicas produzidas com pastas de cor vermelha ou castanha.

Mede 0,070 m de diâmetro máximo no bordo, 0,045 m de diâmetro no fundo, 0,045 m de altura e a espessura média das paredes é de 0,004 m. Foi restaurada (Fig. 11).

- Lamparina (C.L./1.10.153). Fragmento correspondendo a porção do corpo e ao bico. O corpo oferecia forma troncocônica, assente em fundo plano e o bordo era extrovertido, formando bico e possuindo lábio de secção semicircular. O bordo encontra-se demarcado, no exterior, por canelura. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes mostram cor cinzenta (2.5YR 5/0), embora a superfície exterior conserve restos de engobe de cor vermelha (2.5YR 5/6) e ofereça manchas de cor cinzenta escura (2.5YR 4/0). Mede 0,092 m de diâmetro máximo no bordo, 0,050 m de diâmetro no fundo, 0,036 m de altura e a espessura médias das paredes é de 0,004 m. Foi restaurada (Fig. 11).

4.5 Metais

- Fivela (C.L./1.10.8). Fundida em bronze (?), apresenta contorno em forma de D, com semiesferas, ou botões, nos topos da barra vertical, que a ligava à correia, e outra ao centro do elemento semicircular. Mede 0,038 m de altura e 0,042 m de largura máxima (Fig. 12).

- Fivela (C.L./1.10.8). Fundida em bronze (?), mostra contorno em forma de D, com a barra de ligação à correia encurtada, secção semicircular e conserva o alfinete. Mede 0,022 m de altura e 0,017 m de largura máxima (Fig. 12).

- Fivela (C.L./1.10.7). Fundida em bronze (?), apresenta contorno formado por dois elementos ovais geminados, ou dupla abertura, com secção semicircular. Mede 0,020 m de altura e 0,023 m de largura máxima (Fig. 12).

- Fivela (C.L./1.10.7). Fundida em bronze (?), oferece forma semelhante à anteriormente descrita. Mede 0,021 m de altura e 0,022 m de largura máxima (Fig. 12).

- Cunha de canteiro (C.L./1.10.477). Produzida em ferro, possui gume largo e a extremidade proximal contendo sinais de intensa utilização. Mede 0,152 m de comprimento, 0,056 m de largura e 0,050 m de espessura máxima, na extremidade proximal (Fig. 12).

- Ponteiro ou prumo (C.L./1.10.478). Manufacturado em ferro, apresenta forma sub-paralelepipedica, encontrando-se fracturado na extremidade distal. Contém pequeno orifício, de secção subcircular, na extremidade proximal. Mede 0,174 m de comprimento, 0,040 m de largura e 0,022 m de espessura máxima, na extremidade proximal (Fig. 12).

5. Comentário

O pequeno núcleo de materiais islâmicos do Castelo de Loulé é característico dos tempos correspondentes às administrações Almorávida e Almoadá, tal como o enorme silo que continha a maioria deles. A volumetria daquela estrutura subterrânea, que calculamos em cerca de 6 m³, permitia armazenar, a médio ou a longo prazo, a temperatura não superior a 15°C e a cerca de 18% de humidade relativa, aproximadamente 4.000 kg de cereais; quantidade capaz de providenciar as necessidades alimentares de 18 pessoas durante um ano, se atendermos a que cada uma consumisse em média 230 kg/ano, conforme estudos efectuados para a época. A área de produção, para a quantidade indicada, rondaria os 5 hectares.

A frigideira com duas asas encontra numerosos paralelos no espólio do *ribāt* da Arrifana, bem balizado, em termos cronológicos, em meados do século XII. Dali provêm exemplares afins, com ou sem asas, de produção local ou regional, oferecendo pastas em geral bem depuradas, algumas de cores claras, como o exemplar de Loulé, ou de cores vermelhas e castanhas, por vezes contendo elementos não plásticos, de grão médio a grosseiro. Detectaram-se, na jazida mencionada, numerosos recipientes com esta forma, montados ao torno lento e não muito bem cozidos, apresentando não raro, as superfícies brunidas. Conhecem-se, ainda, frigideiras com dois pares de asas (Gomes e Gomes, 2007, pp. 74, 75).

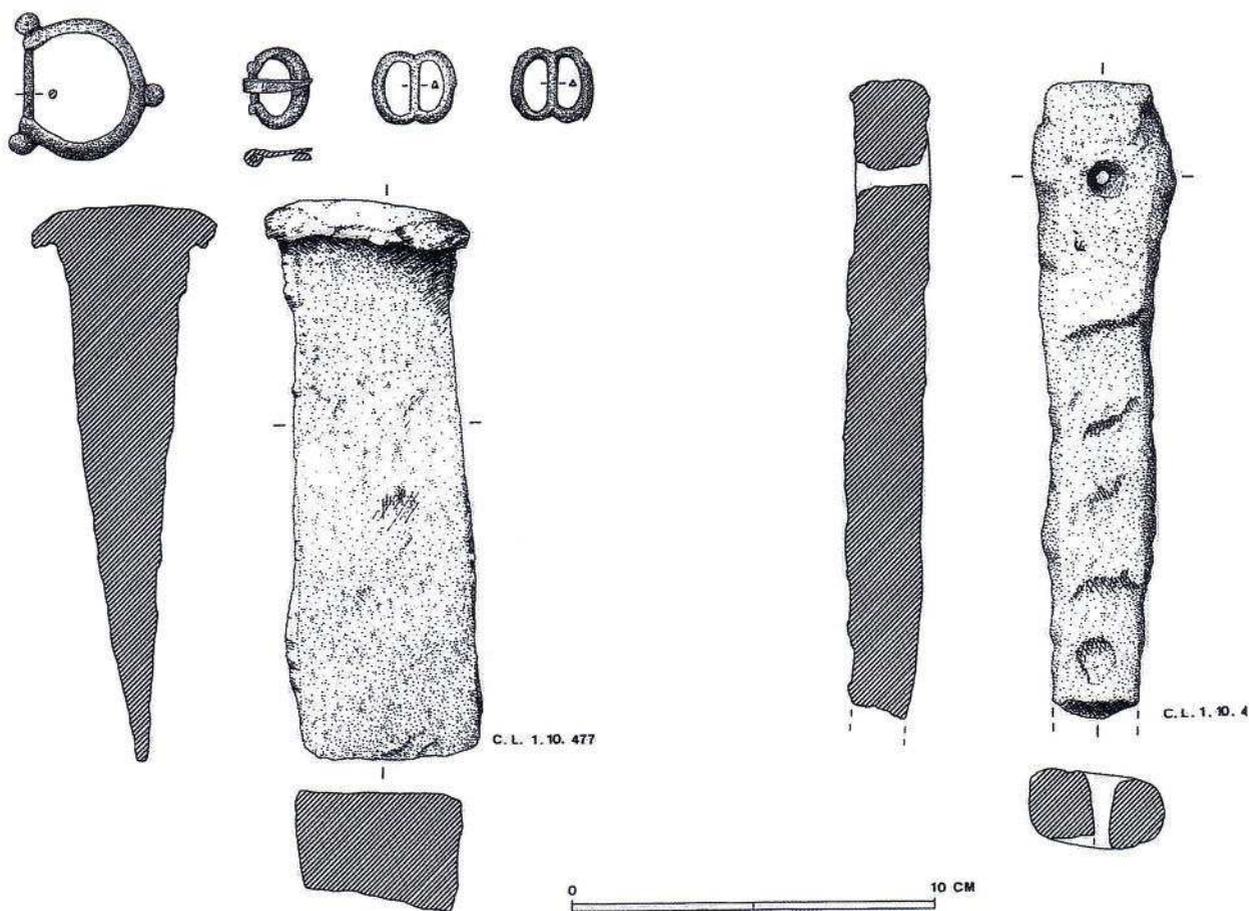


Fig. 12 – Fivelas de bronze e artefactos de ferro.

Constituem outra importante referência os exemplares desta mesma forma exumados nas camadas 2 e 3 do Castelo de Silves, classificados nos séculos XII e na primeira metade da centúria seguinte (Gomes, 2003, pp. 308, 310, 337, 338).

As dimensões da frigideira do Castelo de Loulé (0,245 m) integram as medidas mais comuns das suas congéneres do *ribāt* da Arrifana, cujos diâmetros se situam entre 0,20 m e 0,45 m (38%), embora a sua altura seja ligeiramente superior à daquelas (0,075 m).

Recipientes com antecedentes que recuam pelo menos aos tempos tardo-romanos e principalmente emirais, do Algarve, as frigideiras, além de outros usos culinários, serviam para cozer pão, conforme se documenta, ainda hoje, nas zonas montanhosas e em outras regiões

do *Maghreb* (Bazzana, 1996, p. 157; Gutiérrez Lloret, 1990-91, pp. 171-173).

Os fragmentos de lavabo, com a parte superior do bordo e o interior decorados através de estampilhagem, e não de bordo de talha, conforme foi proposto (Luzia, 2003, p. 228), testemunham a presença de recipiente utilizado nas abluções ou à mesa, embora possuindo forma pouco comum. De facto, são melhor conhecidos os exemplares com bordo de contorno rectangular em vez de circular e, portanto, com forma de tronco de pirâmide.

A estampilha utilizada no bordo parece-nos integrar o grupo das pseudoepigráficas, enquanto a usada no interior, impressa adossada, ora num sentido ora no outro, é semelhante a iconografias encontradas em

Silves (Gomes, 1999a, p. 1664, formas F 37 a F 43). Trata-se de palmeta, possuindo forma lanceolada, mostrando as extremidades proximais enroladas em volutas, temática que, na alcáçova da cidade antes referida, foi detectada na decoração de paredes de talhas procedentes de níveis almoadas.

Os dois fragmentos de talhas, profusamente estampilhados e um deles associando àquela decoração elementos plásticos (cordões), apresentam temas ornamentais afins dos reconhecidos em recipientes congéneres, tanto da medina como do Castelo de Silves, datados dos tempos da dominação almoada, ou seja da segunda metade do século XII e da primeira metade da centúria seguinte.

Um dos fragmentos mostra estampilha contendo arco com o interior polilobulado que enquadra pequena palmeta, constituindo temática muito recorrente na decoração impressa almoada (Gomes, 1999a, p. 1665, formas AR 1 a AR 17), friso de pequenos quadrados unidos pelos vértices, contendo ponto ao centro, correspondendo à forma R 5, da decoração executada através de rolete, de R. V. Gomes (1999a, p. 1667) e, ainda, novo friso estampilhado, para o qual não encontrámos paralelos directos.

O segundo fragmento estampilhado apresenta motivo para o qual, por ora, também desconhecemos exemplares idênticos. Trata-se de iconografia com significado religioso, associado à importância social dos recipientes que decoravam, pertencentes ao Período Almoada (Gomes, 2003, p. 513).

Uma das painéis exumadas no Castelo de Loulé oferece forma característica das produções islâmicas tardias e encontra semelhanças em exemplares de Silves, possuindo cronologias seguras, tanto em termos estratigráfico-culturais, como através da já longa série de datações absolutas.

Painel semelhante, em termos formais, decorativos e dimensionais, procede de silo (est. 3) do sítio da Arrochela, na zona alta de Silves (ARQ1/E3/C1-61) onde acompanhava, entre abundantíssimo espólio cerâmico,

púcaro (ARQ1/E3/C1-24) com corpo de forma bitroncocónica, decorado por caneluras, carena baixa e uma asa, que se aproxima de um dos exemplares agora dados a conhecer (C.L. 86.1.12), tendo-se classificado o contexto que integravam nos séculos XII-XIII (Gomes, 1999, pp. 1304, 1329, 1337, 1338).

O artefacto metálico, finamente decorado, é, tanto quanto sabemos, por ora único em Portugal, podendo tratar-se de adereço pertencente a boldrié de espada (*jineta*), como os que adornam exemplares nazarís (séc. XV), igualmente de bronze dourado, mas enriquecidos com esmaltes (Dodds, 1992, pp. 286-290).

As duas balas de funda são armas de arremesso muito recorrentes em contextos castrenses islâmicos, embora também fossem utilizadas por Cristãos, nos chamados "tiros de pedra", e tanto na caça como na condução dos rebanhos, designadamente quando de pequenas dimensões.

Em geral foram produzidas localmente e o seu uso, tido como procedente do Próximo Oriente, encontra abundantes provas, desde os tempos pré-históricos, no nosso território.

O tiro com funda foi muito divulgado a partir do século XII, na Península Ibérica, devido às tropas muçulmanas, datando do século seguinte interessante iluminura que representa defensor de Maiorca, armado com tal arma e enorme bala, durante a tomada daquela ilha pelo rei de Aragão e Catalunha (Gomes e Gomes, 2001, p. 139).

A caçoula ou tacho (C.L. 86.2.5), com bordo reentrante, determinando carena alta, é muito semelhante a exemplar exumado em lixeira, de meados do século XV, da área urbana de Silves (SILV. 3 Q1/C2-15), diferindo apenas no facto desta mostrar fina canelura sob a carena, demarcando o arranque do bordo (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, pp. 42, 49, 62, fig. 10). Em trabalho anterior entendemos que esta forma resultaria de evolução de peças congéneres almoadas, com antecedentes pelo menos almorávidas, da primeira metade do século XII, que terão pervivido durante todo

o século XIII, alcançado a centúria seguinte e evoluindo até à actualidade.

Fragmento pertencente a recipiente análogo, mas de menor diâmetro e provido de duas asas verticais, foi exumado na casa nº 3 da Rua das Bicas Velhas em Loulé, embora de cronologia incerta (Luzia, 2001-02, pp. 71, 98, fig. 16).

Alguns daqueles exemplares, produzidos sob tempos de administração cristã, mostram bordo bífido. Um deles integrava contexto funerário de Silves (Salão Paroquial), com datação relativa e absoluta, situado na segunda metade do século XIII, conhecendo-se outros, da travessa da Portuguesa, em Setúbal, com datações, obtidas pelos métodos referidos, do século XIV (informações do Dr. C. Tavares da Silva, a quem agradecemos). Também silo da Rua Henriques Nogueira, em Almada, entregou fragmento de caçoula com forma afim, datada nos finais do século XIV ou nos inícios do século seguinte (Sabrosa e Santos, 1993, pp. 118, 119, nº 24). Outro exemplar, provido de duas asas, procede da Rua do Poço Novo na área urbana de Cascais, e foi datado nos séculos XIV ou XV (Cardoso e Rodrigues, 1991, pp. 576, 579, 584, nº 46).

Exibe bordo e fabrico semelhantes à da caçoula, a panela, com alto colo cilíndrico, do Castelo de Loulé (C. L. 86.1.2), devendo, portanto, corresponder à mesma cronologia. Exemplar aparentado jazia em silo da Rua Henriques Nogueira, de Almada, datável no século XIV (Sabrosa e Santos, 1993, pp. 116, 117, nº 1), detectando-se outros em silos da Rua da Judiaria daquele mesmo centro urbano, embora consideradas dos séculos XII-XIII, cronologia que não se encontra devidamente sustentada e que consideramos demasiadamente alta (Barros e Henriques, 2003, pp. 139, 140, figs 1, 5).

Foi, ainda, no contexto urbano de Silves que temos vindo a referir, onde encontrámos paralelos, no século XV, para as lamparinas do Castelo de Loulé, tanto para os exemplares com fundo plano, como para os que possuem base anelar, ligeiramente destacada (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, pp. 49, 52, 64, fig.

10). Todavia, esta forma de contentor de fogo, a que G. Rosselló Bordoy (1983, p. 353) e outros autores denominam de "*cazoleta abierta y de piquera de pellizco, sin asa*", correspondendo ao tipo Va daquele primeiro, possui antecedentes que ascendem, pelo menos, aos séculos XII-XIII, atingindo o século XVI. Rafael Azuar Ruiz (1986; 1989, p. 268) atribuiu-lhes origem próximo-oriental (Nishapur, Gurgan, Samarra) nos séculos VII-VIII e difusão peninsular, a partir do último terço do século XII, com os Almoadas, aspecto que se confirma, dado que por um lado não surgiram, no *ribāt* da Arrifana (1130-1151) e por outro lado são conhecidas tanto na alcáçova como na área urbana de Silves, naquele período.

Tais contentores de fogo ocorrem em Marrakesh, Salé, Alcácer Ceguer e Ceuta, na segunda metade dos séculos XII, e em Maiorca, Almería, Dénia, Múrcia, Ronda e Sevilha, no século XIII e nos primeiros tempos cristãos (Vera Reina e López Torres, 2005, p. 103). Contudo, no Ocidente Peninsular eles não desapareceram com a conquista cristã, contrariamente ao que deduz R. Azuar Ruiz (1986, p. 182) para o *Sharq Al-Andalus*.

No "*Título dos Oleiros*" do "*Regimento da Cidade de Évora*," de cerca de 1392, referem-se candeeiros cujo preço é igual ao dos testos e que bem podem corresponder a pequenas lamparinas, como as agora dadas a conhecer (Moniz, 1976, pp. 157, 165).

Púcaro e pequeno jarro, providos de carena baixa e produzidos com pastas de cores claras, encontram paralelos em peças procedentes dos silos da Rua da Judiaria, em Almada, datadas do século XIII (Barros e Henriques, 2003, pp. 140, 141, figs 6, 7), cronologia que em Loulé pode ser precisada, na segunda metade do século referido ou no seguinte. Tal deve-se ao facto da conquista cristã daquela alcáçova se ter efectuado em 1249 e acreditarmos serem recipientes que traduzem nova realidade cultural, então imposta, embora podendo ter origens em formas mais antigas, como parece demonstrar o púcaro almoada procedente de silo (est. 3) da área urbana de Silves, anteriormente citado, ou peça congénere, de cor vermelha e decorada

com pintura de cor branca, exumada em entulheira, junto a forno de cerâmica, na Rua dos Correiros, em Lisboa, da primeira metade do século XII (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2003, pp. 143, 159, 160). Não longe, no local denominado Mandarin Chinês, surgiram dois púcaros com formas idênticas, pertencentes à última carga do forno 1, cujos restos ali foram postos à vista, tendo-se datado o seu abandono em meados do século XII, após a conquista cristã da cidade (Bugalhão, Sousa e Gomes, 2004, pp. 596, 597, 610, figs. 23, 24).

Os púcaros, de pequenas dimensões, com corpo hemisférico e achatado, colo e pé alto, produzidos com pastas claras, do Castelo de Loulé, encontram semelhanças em exemplares escavados em silos da Rua Henriques Nogueira de Almada, atribuídos aos séculos XIV e XV (Sabrosa e Santos, 1993, pp. 116, 119, 121, nºs 18, 20) ou em casa da Travessa da Portuguesa, em Setúbal, com cronologia do século XIV (informação que agradecemos ao Dr. C. Tavares da Silva).

Não devemos confundir estes recipientes, que à mesa ou fora dela serviam para beber, associando-se por vezes a cântaros ou a infusas, dado repousarem sobre os testos que cobriam aqueles contentores de água, com miniaturas, tidas como brinquedos e surgidas em níveis islâmicos, conforme documentam exemplares de Silves, Mértola ou Sevilha, da primeira metade do século XIII ou algo mais tardios (Luzia, 2003, p. 228; Vera Reina e López Torres, 2005, pp. 181, 195).

Constitui forma menos comum o jarro fabricado com pasta clara, provido de corpo bitroncocónico e bordo alto, estrangulado na base, embora mantenha certo ar da família com púcaros e pequenos jarros de carena baixa, como os que acima referimos e que, quanto a nós, reflectem a realidade cultural devida à conquista cristã. O perfil angular deste recipiente parece querer reproduzir protótipo metálico.

As infusas, com corpo mais ou menos esférico e uma ou duas asas sobrelevadas, apresentavam colo estrangulado e bordo troncocónico, com lábio de secção semicircular, em um exemplar extrovertido, formando pequena aba.

Peça, formalmente parecida às referidas, foi exumada em silo da Rua da Judiaria, em Almada, sendo classificada nos séculos XII-XIII (Barrros e Henriques, 2003, p. 140, fig. 3). Fragmentos de infusas, um deles correspondendo à metade superior do recipiente e outros a pedaços do bordo, do mesmo tipo que as do Castelo de Loulé, provêm dos silos da Rua Henriques Nogueira, em Almada, e foram atribuídos aos séculos XIV e XV. Um deles, com estrias ou caneluras, na superfície exterior do bordo, é muito semelhante a exemplar do Castelo de Loulé (C. L. 86. 1) (Sabrosa e Santos, 1993, pp. 118, 120, 122, nºs 16, 38). Outros fragmentos de infusas, contendo porção do bordo, com formas comparáveis às que temos vindo a mencionar, foram encontrados em antigas lixeiras de Cascais e datados nos séculos XIII a XV (Cardoso e Rodrigues, 1991, pp. 576, 578, 582, nºs 24, 25).

As formas dos recipientes que acabámos de referir podem ter tido antecedentes islâmicos, em infusas ou cântaros, como o exemplar cujos fragmentos se encontraram no interior de silo, no sítio da Arrochela, na área urbana de Silves, mostrando o bordo cilíndrico, alto, com estrangulamento, aplanado superiormente e provido de lábio de secção semicircular (AR. Q5/E15/C2-8), datado, através do rico contexto que integrava, nos séculos X-XI (Gomes, 1999, pp. 1455, 1457).

A panela recuperada inteira, produzida com pasta vermelha, com bordo abaulado, lábio semicircular e duas asas onduladas que arrancam da parte superior daquele, corresponde a produção tardo-medieval ou moderna. Ela é semelhante a exemplares que se conservavam na abóbada da igreja da Santa Maria de Beja, talvez com origem local e cronologia em torno a 1500 (Mestre, 1991, pp. 565, 572). Panela com forma afim foi recuperada junto aos fornos da Mata da Machada, no concelho do Barreiro, e atribuída aos séculos XV ou XVI (Carmona e Santos, 2005, nº 36). Outros exemplares, com corpo e bordo de formas análogas, mas possuindo apenas uma asa, foram exumados em entulheiras de dois fornos de Silves, datados nos finais do século XVI e na primeira metade da centúria seguinte, onde acompanhavam, entre muitas outras cerâmicas, pequenas candeias idênticas

às de Loulé (Gomes, 2009). Podemos conferir cronologia idêntica ao espesso testo, com bordo horizontal, produzido com cerâmica de cor vermelha e semelhante a exemplar procedente de contexto do século XV, de Silves (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, pp. 41, 43, fig. 7).

É impossível determinarmos, com segurança, a que período pertence a marca de jogo recortada em pedaço de parede de recipiente; se à presença islâmica no Castelo de Loulé ou aos tempos cristãos da mesma alcáçova. Apenas o tipo de cerâmica, de cor clara, sugere semelhanças entre aquela e conjunto de produções que incluem púcaros, jarros e infusas, atribuído aos séculos XIII e XIV.

Apesar de os jogos de azar serem proibidos pelas leis islâmicas, as marcas de jogo, a maioria das quais aproveitando fragmentos de vasilhas ou de telhas, de cerâmica, são muito abundantes entre os espólios dos contextos urbanos, palatinos e religiosos. Afinal trata-se de actividade lúdica, de entretenimento e de importante meio de socialização, própria de todas as idades e, talvez, sem distinção de género.

Este tipo de jogos, que incluem tabuleiros, com casas ou covinhas, ascendem tanto no Próximo Oriente, como no Norte de África ou na Europa, pelo menos, ao IV milénio a. C. Os tabuleiros poderiam ser móveis, de madeira, cerâmica ou de pedra, encontrando-se estes últimos melhor documentados, devido a não serem perecíveis, embora se pudesse, igualmente, utilizar pavimentos ou simplesmente o solo, onde se marcavam as casas ou se abriam as covinhas (Gomes e Gomes, 2001, p. 115; 2007, pp. 76, 109).

As duas escudelas esmaltadas de cor branca, uma com fundo em ônfalo e a outra, maior, com pé destacado e anelar, tal como as escudelas, com aquela primeira forma, mas vidradas de cor castanha clara, de aspecto melado, a taça com pé destacado e os dois pratos fundos, com idêntico tratamento das superfícies, mas sendo o interior decorado, através de motivos de carácter geométrico, pintados na cor castanha escura de óxido de manganês, encontram abundantes para-

lelos em muitos contextos tardo-medievais ou dos inícios da Idade Moderna do Sul de Portugal, de que ousamos classificar como caso paradigmático o Poço-Cisterna de Silves. De facto, nesta estrutura monumental, do Período Almoadá, que arqueologicamente se demonstrou ter sido entulhada no último quartel do século XVI, exumaram-se largas centenas de fragmentos, correspondendo a muitas dezenas de tais recipientes (Gomes e Gomes, 1991, pp. 461-469; 1996, pp. 154-162).

A evolução da forma das escudelas, das mais antigas, hemisféricas ou com carena baixa e ônfalo no fundo, às mais recentes, com pé destacado e anelar, como dos pratos cujas formas mais modernas perdem o ônfalo, foi originalmente reconhecida na América Central (Goggin, 1968, pp. 121, 122).

As peças esmaltadas com estanho, de cor branca, conhecidas na literatura anglo-saxónica por *columbian plain* ou *plain white*, terão primeiramente sido produzidas em Málaga e na Região Valenciana, dado o nome por que eram designadas em Portugal (*malega branca*, *opus maleche*, *mallega* ou *malegua de Vallença*). Sabe-se, no entanto, que também foram fabricadas em Sevilha (Triana).

É bem provável que aquele tipo de cerâmica tenha sido, igualmente, manufacturado em Portugal, em grandes centros oleiros, como Lisboa, Barreiro e Coimbra, conforme permitem deduzir bom número de documentos, como o "*Livro dos Regimêtos dos Officiaes mecanicos da mui nobre e sêpre leal cidade de Lixboa*", registados e reformados, em 1572, por Duarte Nunes do Leão, onde se refere a "*louça branca de Talaveira*" (Talavera) e as "*escudelas de feição de porcelana*", como as "*Cartas de Oleiro*" e de "*Oleiro e de Malagueiro*" ou o "*Regimento*" dos malagueiros de Coimbra, do século XVI (Vasconcellos, 1921, p. 39; Carvalho, 1921, p. 56; Correia, 1926, pp. 142-147; Gomes e Gomes, 1996, pp. 158-160).

Os recipientes vidrados de cor castanha, técnica bem documentada nos contextos califais, almorávidas e almoadas do Algarve, foram, muito possivelmente,

produzidos naquele território mas, também, em Sevilha, onde abóbadas da Cartuja (Santa María de las Cuevas), erguidas em meados do século XV, continham exemplares de pratos fundos e de taças (Amores Carredano e Chisvert Jiménez, 1993, pp. 292, 333, figs. 190, 191).

Algumas formas de taças almoadas, providas de pé, sugerem constituir protótipos para peças executadas ao longo dos tempos medievais cristãos e, em não poucos casos, por oleiros de origem muçulmana, conforme se encontra documentado, literariamente, em Silves, Évora ou Lisboa (Gomes e Gomes, 1996, p. 149).

Recipientes semelhantes aos do Castelo de Loulé foram exumados no Poço-Cisterna de Silves, alguns igualmente decorados com motivos geométricos ou de carácter floral, mas muito estilizados, na cor negra de manganês.

O mesmo tipo de peças foi encontrado em Alcácer Ceguer, onde devem auferir cronologia compatível com a presença portuguesa, ou seja entre 1458 e 1550 (Boone, 1984, pp. 78, 80) e durante escavações a que procedemos no Funchal, onde integravam contexto da segunda metade do século XV e dos inícios do século XVI. Este ofereceu, além de prato vidrado de cor castanha, possuindo decoração de cor negra de manganês, outro esmaltado de cor branca e contendo ornamento nas cores azul e violeta, atribuível a produção sevilhana da segunda metade do século XV, denominada "*Isabele polychrome*" ou "*azul e morada*", tal como fragmentos de recipientes esmaltados de cor branca, mas decorados com motivos dourados, de proveniência valenciana (Paterna e Manises) (Gomes e Gomes, 1998, pp. 335-342, 345-347, figs. 15-18).

Tanto taça, como prato, vidrados de cor castanha, do Castelo de Loulé, mostram, no centro do fundo, motivo estrelar, pintado de cor negra, de óxido de manganês, apresentando aquele último recipiente, sobre o bordo, elemento losangular, de lados arqueados, pintado naquela mesma cor. Trata-se de decorações com carácter apotropaico, a primeira remetendo para a imagem solar e a segunda para o conceito de Paraíso

mas podendo, igualmente, simbolizar o Universo, tema conhecido na decoração omíada, califal ou ulterior (Turina Gómez, 1986, p. 458).

O pequeno jarro vidrado (C.L. 86.2), com aspecto melado, encontra afinidades em recipiente de Silves, datado no século XV e, sobretudo, em outros manufacturados em Sevilha e ali exumados em abóbadas da Cartuja e datáveis em meados do século referido e no século XVI (Amores Carredano e Chisvert Jiménez, 1993, pp. 291, 323; Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, pp. 54, 55, 64).

As pequenas fivelas são idênticas às recuperadas em outros contextos tardo-medievais ou dos inícios da Idade Moderna, do Sul de Portugal, como o oferecido pelo Poço-Cisterna de Silves, que entregou dezenas de tais artefactos.

As formas das fivelas de Loulé permitem paralelos com outras procedentes da Europa Medieval, designadamente das Ilhas Britânicas, onde exemplares em liga de cobre, e com forma de D, providos de pequeno botão no exterior do aro, puderam ser datados entre a segunda metade do século XIII e meados do século XV, enquanto pequenas fivelas em forma de D, mas com a barra da correia encurtada, fabricadas no mesmo metal não ferroso, eram igualmente conhecidas a partir de meados do século XIII e durante as duas centúrias seguintes. Também as duas pequenas fivelas com duplo orifício oval, de Loulé, encontram paralelos em peças ali datadas nos inícios do século XIV, possivelmente providas de alfinete de ferro, embora fossem utilizadas até meados do século XVII, designadamente em sapatos, função que não devemos deixar de atribuir aos dois exemplares de Loulé (Ottaway e Rogers, 2002, pp. 2892-2895; Whitehead; 1996, pp. 19, 21, 22, 27, 53).

A espessa cunha de canteiro pode ter servido na edificação das muralhas do Castelo de Loulé, ou em algumas das por certo diversas campanhas de reconstrução que sofreu, como em estruturas nele existentes. Ela corresponde a ferramenta comum no trabalho da pedra, durante a Idade Média, mas igualmente usada

em tempos posteriores, sobretudo nas pedreiras, onde se obtinha a matéria-prima e se formatavam elementos construtivos, consoante a necessidade das obras. Ferramentas similares, que também serviam para fender grossos toros de madeira, são conhecidas em França, pelo menos desde os séculos XIII-XIV (Barrère e Rey-Delqué, 1990, p. 272).

Os fios de prumo, com a ponteira de chumbo ou de ferro, foram representados em iluminuras medievais, como os figurados na alusão à construção da Torre de Babel, no *Hortus Deliciarum*, de Herrade de Landsberg (século XII) ou em outra miniatura, mais tardia (século XV), da autoria de Jacques Besançon (Du Colombier, 1973, pp. 31, 109, figs 17, 72).

6. Conclusões

O pequeno núcleo de materiais arqueológicos agora dado a conhecer, ilustra três grandes momentos da ocupação da alcáçova de Loulé.

Àquele primeiro correspondem os escassos espólios islâmicos, almorávidas e almoadas, representados por cerâmicas comuns, de cozinha, por elementos estampilhados, pertencentes a recipientes com importância simbólica, balas de funda e rara peça metálica, que integram a componente militar própria do local onde se encontravam e dos acontecimentos históricos de que ele foi cenário; denunciando aquela última peça os mecanismos relacionados com a identificação e a demonstração do prestígio e do poder político-militar da elite ali residente.

Pertencem à segunda grande etapa o conjunto de produções cerâmicas de pastas claras, talvez de manufactura local, mas utilizando gramática formal que muito se distingue das produções anteriores, sobretudo pela presença de carenas acusadas, de bordos altos e de fundos planos, apesar de podermos encontrar algumas pervivências daquelas. Trata-se de louça de mesa, púcaros, jarros e infusas, para água ou vinho, que evidenciam não só novos hábitos alimentares, como comportamentos sociais diferentes. Conforme anteriormente argumentámos, este espólio deve ser atribuído à segunda metade do século XIII e à centúria

seguinte, cronologia que pode corresponder a duas das fivelas e aos dois artefactos de ferro (Fig. 13).

Por fim, o terceiro núcleo de artefactos, cerâmicos e metálicos, com cronologia centrada no século XV, mas por certo atingindo o século seguinte, apresenta as bem conhecidas escudelas esmaltadas de cor branca e as vidradas, de aspecto melado, acompanhadas por pratos fundos, taça e de pequeno jarro, a par de duas pequenas fivelas. Trata-se de espólios muito comuns, embora os locais de manufactura não sejam ainda conhecidos, não se podendo excluir a sua origem em território português, conforme anteriormente registámos, embora algumas delas devam provir de oficinas sevilhanas (Triana e Cartuja), onde a corte e as ordens religiosas portuguesas se abasteciam de azulejos policromos, nos finais do século XV e na centúria seguinte, cidade que também fornecia as empresas coloniais espanholas (Goggin, 1968, pp. 117-126; Hurst, p. 48; Simões, 1990, pp. 55-74). Sevilha foi, sobretudo a partir de meados e até aos finais do século XVI, importante empório, onde chegaram a residir cerca de dois milhares de portugueses, a maioria dos quais envolvidos em actividades comerciais, momento em que mais se estreitaram as relações económicas e sociais, entre a Andaluzia Ocidental e o Sul de Portugal.

Apesar de escasso, a qualidade do espólio medieval do Castelo de Loulé, reflecte, ao longo de quatro séculos, a presença de elites político-militares, condizentes com as funções daquele importante dispositivo defensivo e de representação do poder.



Fig. 13 – Conjunto de cerâmicas medievais portuguesas do Castelo de Loulé (foto H. Ramos).



Fig. 14 – Vista aérea do Castelo de Loulé (foto H. Ramos).

- AMORES Carredano, F. de, CHISVERT Jiménez, N., 1993, Tipología de la cerámica común bajomedieval y moderna sevillana (ss. XV-XVIII): I, la loza quebrada de relleno de bóvedas, *SPAL, Revista de Prehistoria y Arqueología*, nº 2, pp. 269-325.
- AZUAR Ruiz, R., 1986, Algunas notas sobre el candil de cazoleta abierta y de pellizco hispanomusulmán, *II Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental*, pp. 179-183, Ministerio de Cultura, Madrid.
- AZUAR Ruiz, R., 1989, *Denia Islámica. Arqueología y Poblamiento*, Diputación Provincial de Alicante, Alicante.
- BARRÈRE, M., REY-DELQUÉ, M., 1990, *Archeologie et Vie Quotidienne aux XIIIe-XIVe Siècles en Midi-Pyrenees*, Musée des Augustins, Toulouse.
- BARROS, L. de, HENRIQUES, F., 2003, Rua da Judiaria: Um celeiro nos arrabaldes da vila, *Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, pp. 135-144, Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- BAZZANA, A., 1996, Foyers et fours domestiques dans l'architecture rurale d'Al-Andalus, *Arqueologia Medieval*, vol. 4, pp. 139-163.
- BOONE, J. L., 1984, Majolica escudillas of the 15th and 16th centuries: a typological analysis of 55 examples from Qsar es-Seghir, *Historical Archaeology*, vol. 18, pp. 79-86.
- BUGALHÃO, J., GOMES, A. S., SOUSA, M. J., 2003, Vestígios de produção oleira islâmica no núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa, *Arqueologia Medieval*, vol. 8, pp. 129-191.
- BUGALHÃO, J., SOUSA, M. J., GOMES, A. S., 2004, Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7(1), pp. 575-643.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S., 1991, Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI encontrados em Cascais, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 575-585, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- CARMONA, R., SANTOS, C., 2005, *Olaria da Mata da Machada. Cerâmicas dos Séculos XV-XVI*, Câmara Municipal do Barreiro, Barreiro.
- CARVALHO, J. M. T., 1921, *Cerâmica Coimbrã no Séc. XVI*, Imprensa da Universidade, Coimbra.
- CORREIA, V., 1926, *Livro dos Regimētos dos Officiaes mecanicos da mui nobre e sēpre leal cidade de Lisboa (1572)*, Imprensa da Universidade, Lisboa.
- DODDS, J. D., 1992, *Al-Andalus. The art of Islamic Spain*, The Metropolitan Museum of Art, New York.
- DU COLOMBIER, P., 1973, *Les Chantiers des Cathédrales. Ouvriers, Architectes, Sculpteurs*, Éditions A.& J. Picard, Paris.
- GOGGIN, J. M., 1968, *Spanish Majolica in the New World*, Yale University Publications in Anthropology, New Haven.
- GOMES, M. V., 2009, Dois fornos de cerâmica de Silves (sécs XVI-XVII) – notícia preliminar, *Actas das 4^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, pp. 255-276, Câmara Municipal de Tondela, Tondela (no prelo).
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., 1991, Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do Poço-Cisterna de Silves, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 457-490, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., 1996, Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI do Poço-Cisterna de Silves, *Xelb*, vol. 3, pp. 143-205.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., 1998, Cerâmicas, dos séculos XV a XVIII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal, *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, pp. 315-348, Câmara Municipal de Tondela, Tondela.

- GOMES, M. V., GOMES, R. V., CARDOSO, J. L., 1996, Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV, *Xelb*, nº 3, pp. 33-78.
- GOMES, M. V., SERRA, M. P., 2004, *Museu Municipal de Arqueologia de Loulé – Catálogo*, Câmara Municipal de Loulé, Loulé.
- GOMES, R. V., 1999, *Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus – Arqueologia e História (Séculos VIII-XIII)*, vol. IV, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- GOMES, R. V., 1999a, *Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus – Arqueologia e História (Séculos VIII-XIII)*, vol. V, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- GOMES, R. V., 2003, *Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus: A Alcáçova*, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- GOMES, R. V., GOMES, M. V., 2001, *Palácio Almoada da Alcáçova de Silves*, Câmara Municipal de Silves, Silves.
- GOMES, R. V., GOMES, M. V., 2007, *Ribāt da Arrifana. Cultura Material e Espiritualidade*, Câmara Municipal de Aljezur, Aljezur.
- GUTIÉRREZ Lloret, S., 1990-91, Panes, hogazas y fogones portátiles. Dos formas cerámicas destinadas a la cocción del pan en Al-Andalus: el hornillo (*tannur*) y el plato (*tabaq*), *Lucentum*, vols IX-X, pp. 161-175.
- HURST, J. C., 1995, Post-Medieval pottery from Seville imported into North-West Europe, *Trade and Discovery: The Scientific Study of Artefacts from Post-Medieval Europe and Beyond*, pp. 45-54, British Museum, London.
- LUZIA, M. I., 2001-02, O nº 3 da Rua das Bicas Velhas: um exemplo de testemunhos da Época Moderna em Loulé, *al-‘ulyà*, nº 8, pp. 51-122.
- LUZIA, M. I., 2003, Testemunhos da ocupação islâmica em *al-‘ulyà*: Estruturas e cerâmicas, *Xelb*, vol. 4, pp. 219-234.
- MARTINS, I. M. P., 1984, *O Castelo de Loulé*, Câmara Municipal de Loulé, Loulé.
- MESTRE, J. F., 1991, Olaria medieval de Beja. Contribuição para o seu estudo, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 565-574, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- MONIZ, M. de C., 1976, A olaria medieval eborense, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXVI, pp. 147-172, IV ests.
- OTTAWAY, P., ROGERS, N., 2002, *Craft, Industry and Everyday Life: Finds from Medieval York*, Council for British Archaeology, Walmgate.
- ROSSELLÓ Bordoy, G., 1983, Nuevas formas en la cerámica de época islámica, *Boletín de la Sociedad Arqueológica Luliana*, nº 39, pp. 237-259.
- SABROSA, A., SANTOS, V. M., 1993, Cerâmica comum de silos medievais. Rua Henriques Nogueira – Almada, *al-Madan*, II série, nº 2, pp. 116-122.
- SIMÕES, J. M. dos, 1990, *Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI. Introdução Geral*, 2ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- TURINA Gómez, A., 1986, Algunas influencias orientales en la cerámica omeya andalusí, *II Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental*, pp. 455-459, Ministerio de Cultura, Madrid.
- VASCONCELLOS, C. M. de, 1921, *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*, Subsídios para a História da Arte Portuguesa, vol. II, Imprensa da Universidade, Coimbra.
- VERA Reina, M., LÓPEZ Torres, P., 2005, *La Cerámica Medieval Sevillana (siglos XII al XIV). La Producción Trianera*, British Archaeological Reports, IS 1403, Oxford.
- WHITEHEAD, R., 1996, *Buckles 1250-1800*, Greenlight Publishing, Chelmsford.